

CORPO DE VIDRO

Novela criada e escrita por
WAGNER JALES

Capítulo 29

Esse texto é propriedade de seu autor e da ONTV. Qualquer violação dele pode acarretar punição nos termos da lei de Direitos Autorais.

NO CAPÍTULO ANTERIOR

Em um surto, Eva tenta agredir Sarah, mas Tainá a agride e a expulsa de casa;

Mariano e Tainá denunciam Benício à polícia por se aproveitar de uma menor de idade;

Benício pretende fugir levando Sarah consigo e é violento quando ela se nega a ir;

Luciano leva dois enfermeiros para internarem Eva.

01. INT. CASA DE EVA E MARIANO. SALA - DIA.

CONTINUAÇÃO DO CAPÍTULO ANTERIOR: TENSÃO. Eva encara Luciano e os dois enfermeiros vestidos de branco.

Luciano, tentando manter a calma, se aproxima devagar de Eva. Num súbito, ela pega a primeira coisa que alcança (uma pequena estátua de anjo) e segura como uma arma.

EVA
(ensandecida)
Não vou! Me deixem! Eu não vou!

LUCIANO
Mãe, olha pra mim. Sou eu,
Luciano. Ninguém quer te
machucar, só cuidar/

EVA
(exaltada)
Você me vendeu! Traiu sua própria
mãe como Judas! E agora quer me
acorrentar igual fizeram com os
profetas!

LUCIANO
Mãe, você tá delirando. Deixa eu
cuidar de você.

Os enfermeiros avançam em Eva, que dá a volta pelo sofá e corre rumo à porta. Eva derruba o aparador de propósito, obstruindo a passagem. Cacos dos objetos se espalham.

Eva corre porta afora. Luciano tropeça no aparador, caindo de quatro no chão. Ouve-se o portão da frente batendo. Luciano se levanta e sai correndo, os dois enfermeiros vão atrás, deixando a sala vazia. No cômodo inabitado:

02. EXT. CASA DE EVA E MARIANO. FACHADA - DIA.

AÇÃO. Luciano atravessa o portão e olha ao redor, flagrando Eva correndo e virando uma esquina à direita. Luciano corre atrás, os enfermeiros seguem.

Luciano corre ligeiro pela calçada arborizada, muros altos, quase tropeçando em um pequeno buraco. Ele dobra a esquina, apressado. Para na calçada, gira sobre si mesmo, atento.

LUCIANO

(gritando)

Mãe? Eva? Cadê você, Eva?

As pessoas em torno olham para ele. Luciano olha rostos e corpos ao seu redor, pessoas transitando, estabelecimentos funcionando. CLOSE numa mulher parecida com Eva andando com fones de ouvido. Luciano leva as mãos à cabeça.

LUCIANO

(para si mesmo)

Pra onde você foi, mãe?

Luciano pega seu celular e disca um número de emergência. Nele desesperado, ofegante e suado:

03. INT. CASA DE BENÍCIO. SALA DE JANTAR - DIA.

SUSPENSE. Benício sacode Sarah com truculência, que tenta se soltar, medindo forças com ele.

BENÍCIO

Você não sabe o que tão fazendo,
Sarah. Estão me armando uma
emboscada. Mariano... a
polícia... todos querendo me
derrubar. Mas eu não vou cair.
Não sem lutar.

SARAH

Então luta. Mas sozinho. Vai
sozinho pra onde você quiser e me
solta!

Sarah o empurra com força, Benício dá passos para trás.

BENÍCIO

Preciso fugir, e tu vai comigo.

SARAH

Eu não vou, Benício.

BENÍCIO

Vai, sim. Vai comigo agora,
Sarah. Eu não tô pedindo, tô
mandando!

SARAH

Você quer me obrigar? Vai fazer o
quê? Vai me bater?

Benício avança, empurrando os itens sobre a mesa. O café se
espalha no chão. Sarah dá um passo para trás, atemorizada.

SARAH

Pode gritar, quebrar tudo, fingir
que é Deus. Eu não vou a lugar
nenhum com você.

BENÍCIO

Eu te tirei da lama, te fiz
mulher. Eu te dei nome, uma casa,
posição!

SARAH

Você não me deu nada, Benício.
(bate no peito)
Eu já era mulher antes de me
casar, já tinha essa casa antes
de me casar/

BENÍCIO

Casa?! Isso aqui era praticamente
uma cabana quando a gente se
casou, era bem menor que a casa
de Eva. Eu quem levantei essas
paredes, construí o primeiro
andar todo com o dinheiro que
ganhei naquela igreja, pregando
praquelas pessoas miseráveis
terem algum acalento.

SARAH

(recua, mãos no peito)
E em troca, virei cúmplice de um
monstro. Mas acabou. Cansei de
ser cega. Basta.

Benício segura o braço dela com força. Sarah se contorce, tentando se soltar novamente.

SARAH

(gritando)

Larga o meu braço! Me solta!

Benício a encara, os dedos afundando na pele dela. Num repente, Sarah desfere um chute na região íntima de Benício, que grita e se contorce de dor no chão.

BENÍCIO

Você vai se arrepender disso.

SARAH

Talvez. Mas não mais do que me arrependo por ter ficado ao seu lado todo esse tempo. Você realmente tá se mostrando quem é, e eu fui muito burra de não ter visto, de ter passado tanto tempo em dúvida enquanto todos os sinais acendiam diante de mim, na minha cara.

BENÍCIO

(pondo-se de pé)

Sou seu marido, sua autoridade! Você me deve respeito! Eu devia quebrar essa sua cara por tudo que você falou e pelo que fez comigo.

SARAH

Comigo você é valente, né? Já se olhou no espelho? Essa tua cara toda desfigurada mostra que você não foi corajoso com outro homem.

Sarah recua, apavorada. Os olhos se enchem de lágrimas, ela não cede. Num impulso, pega uma faca de mesa da bandeja do café e a aponta para ele, as mãos tremendo.

SARAH

Se encostar em mim, eu juro por Deus que te corto, Benício.

CLÍMAX. Os dois se encaram. Um silêncio brutal. O tempo parece parar. Benício respira forte, o peito subindo e descendo. Depois, sorri. Frio. Cínico.

BENÍCIO

Olha só... agora você quer
brincar de valente.

SARAH

(faca em riste)
Desista, Benício. Pode ir pra
onde você quiser, eu não vou
junto.

Sarah continua com a faca em punho. Benício dá um passo pra trás.

BENÍCIO

(ameaçador)
Você vai se arrepender, Sarah.
Ainda vai me implorar pra te
levar junto.

Benício se vira e sai, meio capengando por conta da dor na região íntima.

Sarah deixa a faca cair na mesa. Respira, ofegante, se sentando devagar. Os olhos marejados, o coração disparado. Sarah baixa a cabeça e desaba, chorando copiosamente.

04. INT. CASA DE BENÍCIO. QUARTO DELE - DIA.

SONOPLASTIA: Nação Zumbi - Pegando Fogo. Benício abre o guarda-roupa com pressa. Joga camisas, cuecas, dinheiro em espécie e documentos dentro de uma mala preta.

A respiração é pesada, o suor escorre pela testa. Benício pega o celular, digita algo ligeiro, mandando uma mensagem.

Benício fecha a mala com força. Enfia um boné na cabeça, respira fundo, dá uma última olhada pelo quarto e vai embora sem olhar para trás. Na porta batendo:

05. INT. FLAT. SALA - DIA.

A porta do flat se abre, Benício entra com a mala nas costas, exausto, suado, tenso. Ali está uma mulher muito bela, mais jovem, de roupão acetinado. Ela sorri ao vê-lo.

MULHER

Que rápido...

Benício fecha a porta atrás de si. Encara a amante com um misto de alívio e urgência.

BENÍCIO

Preciso ficar aqui uns dias.

A mulher se aproxima, beija sua bochecha com intimidade. Benício a ignora, seguindo para o quarto. Ela vai atrás. Na sala inabitada: SONOPLASTIA OFF.

06. INT. CLÍNICA. QUARTO DE ELIS - DIA.

Elis, com um leve sorriso no rosto, está sentada na cama, encostada em travesseiros. Ian entra no quarto, seguido por Dafne, um pouco tensa. Elis ergue os olhos, os reconhece e sorri com entusiasmo.

ELIS

Então essa é a famosa Dafne!

Dafne sorri, meio tímida, surpresa com a recepção.

DAFNE

Sou eu. É uma honra conhecê-la.

IAN

Trouxe como você me pediu, seus pedidos são ordens.

Dafne se aproxima, e Elis segura suas mãos com carinho.

ELIS

Você tem olhos de quem cuida.
Fiquei muito curiosa em te
conhecer desde que fiquei sabendo
da confusão que Ian criou.

IAN

Mãe, não vamos voltar nesse assunto, por favor. Foi uó o que eu fiz, eu sei, mas Dafne já tá me desculpando.

DAFNE

Na tua cabeça. Ainda não perdoei, viu? Ainda lembro do que ocorreu.

ELIS

Por isso pedi pra te conhecer, querida. Ian errou, mas somos todos humanos, estamos sucintos ao erro. Ele sempre me falou bem de você, e dá pra notar o quanto sente sua falta. Quero que vocês se reconciliem. Por mim.

Elis, ainda segurando as mãos de Dafne, bota uma sobre uma mão de Ian, os unindo. Ian sorri, Dafne abre um sorriso meio torto, sem jeito. Em Elis contente:

07. INT. CLÍNICA. SALA DE ESPERA - DIA.

Humberto está sentado, inquieto. Ian sai do quarto de Elis. Ao vê-lo, Humberto se levanta, ficando na sua altura.

HUMBERTO

Posso saber por que trouxe... aquela moça aqui?

IAN

Dafne?! Porque minha mãe quis conhecê-la, simples assim.

HUMBERTO

Você sabe como a situação da sua mãe é delicada. Não precisava expor ela a... certas coisas.

IAN

A certas coisas? Tá falando de quê, exatamente?

HUMBERTO

De alguém como... aquela mulher.
Você não acha que é um momento
inoportuno? Sua mãe pode ficar
confusa.

IAN

O que é confuso pra você é muito
claro pra mim, pai. Se você tá
dizendo essas coisas pelo fato de
Dafne ser uma mulher como você
nunca viu, fique sabendo que ela
pode ser diferente, mas possui
caráter, é uma pessoa boa e
honestas. Isso devia ser o mais
importante, não? Pelo menos, foi
o que você me passou a vida toda.

HUMBERTO

Não estou falando sobre isso/

IAN

E tá falando de quê?

HUMBERTO

Você sabe que eu não sou
preconceituoso, só acho/

IAN

Não precisa terminar essa frase.
Quando alguém diz que não é
preconceituoso e tem um "mas" na
frase, já tá sendo. E olha, minha
mãe amou a visita.

Silêncio. Os dois se encaram por instantes.

HUMBERTO

Você mudou, Ian.

IAN

Mudei pra melhor, pai. Cresci.

Humberto baixa os olhos, vencido. Ian continua andando,
rumando ao banheiro. Em Humberto acompanhando com o olhar:

08. INT. CLÍNICA. QUARTO DE ELIS - DIA.

Elis está recostada na cama, Dafne está sentada na poltrona ao lado, ouvindo com atenção.

DAFNE

(rindo)

Ele deve ter voltado pra casa
todo sujo, né?

ELIS

Saiu todo enlameado, fedendo a
porco. Tive que dar banho nele
com sabão de coco e ainda fazer
um bolo pra ele parar de chorar.

DAFNE

Nunca imaginei Ian no meio da
lama. Mas dá pra ver que ele tem
o coração mole mesmo.

ELIS

Tem, sim. Ian é um menino bom...
e você também parece ser. Ele
precisava de uma amizade assim.

(tosse um pouco)

Ian não tinha amigos no interior,
eu sempre o achei muito retraído.
Ele agora tá muito melhor.

Dafne sorri, emocionada. O sorriso de Elis murcha quando
ela começa a tossir forte. Ela leva a mão ao peito, com o
rosto contraído de dor.

DAFNE

Dona Elis?! Calma, respira...

A tosse aumenta. Elis tenta falar, mas só consegue emitir
sons entrecortados.

DAFNE

(levantando num pulo)

Vou chamar uma enfermeira!
Aguenta aí só um pouco.

Dafne corre até a porta e desaparece no corredor, gritando por ajuda. No quarto, a tosse de Elis continua, intensa e seca. Nela expelindo um pouco de sangue:

09. INT. CLÍNICA. SALA DE ESPERA - DIA.

Ian e Dafne estão sentados lado a lado, tensos. Humberto anda de um lado para o outro, inquieto. O som distante de passos se aproxima. A médica, de semblante sério, surge.

IAN

(levantando-se)
Doutora, tem notícias da minha mãe? O que ela teve?

MÉDICA

Dona Elis teve um agravamento do quadro. A infecção viral que estava sendo monitorada acabou atingindo o pulmão. E, considerando a condição de base dela, isso a deixa muito vulnerável.

IAN

Mas ela vai ficar bem?

MÉDICA

Estamos fazendo tudo o que é possível. É um quadro delicado, o corpo dela está fragilizado e a imunidade, muito baixa. A equipe médica está acompanhando de perto, minuto a minuto.

Dafne leva a mão à boca, claramente abalada. Humberto se senta, empalidecido. Ian abaixa a cabeça por um instante, engolindo a emoção. A médica faz um gesto breve de empatia.

MÉDICA

Se quiserem vê-la por alguns minutos, podemos permitir uma visita breve.

IAN
Obrigado, doutora.

A médica se afasta. O silêncio reina por alguns segundos entre os três.

DAFNE
(voz baixa)
Calma, Ian. Ela é tão forte...

IAN
Mas já lutou demais.

Ian volta a se sentar, Dafne apoia uma mão no seu ombro. Neles aflitos:

10. INT. CLÍNICA. SALA DE DESCANSO - DIA.

Ian está sentado chorando num pequeno sofá, os cotovelos apoiados nos joelhos, o rosto enterrado nas mãos.

Dafne entra devagar, hesitante, com um copo d'água na mão. Ela se aproxima e se senta ao lado dele, em silêncio por alguns segundos. Ian não a encara.

DAFNE
Toma. Respira um pouco.

IAN
(voz embargada, sem pegar o copo)
Eu devia ter vindo antes... devia ter ficado mais perto dela... mas eu me escondi. Eu me escondi da cidade, do meu pai... de tudo.
(suspira)
E agora talvez seja tarde demais.

DAFNE
Você não se escondeu, você se protegeu. Ninguém tem obrigação de voltar a um lugar onde não se sente seguro. Tua mãe sempre soube que você a amava. Mesmo de longe. Dá pra perceber.

IAN

(olha para cima, os olhos marejados)
E se ela morrer achando que eu
fugi dela?

DAFNE

Você tá aqui agora. Tá do lado
dela. Ela sabe disso. Amor não se
mede por distância. Nem por
visitas. Às vezes, é só uma
mensagem, um "tô pensando em
você"... e sua mãe sempre
entendeu o que você passou.

IAN

Só não queria que ela fosse
embora achando que eu a deixei.

DAFNE

Então mostra pra ela, hoje,
agora, o quanto ela nunca foi
deixada.

Humberto entra, encontra os dois e para. A porta se fecha
sozinha devagar. Humberto, vacilante, avança um passo.

HUMBERTO

Tá tudo bem por aqui?

DAFNE

Tá. Ian só precisava respirar um
pouco, a notícia foi dura.

HUMBERTO

É. Foi. Mas Elis é forte, vai
sair dessa.

IAN

Tomara mesmo...

Silêncio constrangedor. Humberto observa os dois. Tenta
parecer racional, mas carrega julgamento no olhar.

HUMBERTO

(olhando para Dafne)
Vocês dois são bem próximos, né?

DAFNE

A gente se conhece faz tempo.
Estamos juntos nos momentos bons
e nos ruins também. Eu conheço
Ian por inteiro, sabe? Com tudo
que ele é. E mesmo assim,
continuo aqui. Porque caráter vem
antes de qualquer outra coisa.

HUMBERTO

Como assim?!

DAFNE

Digo... tem gente que prefere
esconder partes de si pra ser
aceito. Por medo. Por vergonha.
(olha para Ian)
Ninguém devia carregar esse peso.
Ainda mais quando se tem família.

Humberto fica sem palavras por um instante, parece digerir
a fala de Dafne. Ele respira fundo, desvia o olhar.

HUMBERTO

Eu... vou ver como Elis está.

Humberto sai, deixando os dois sozinhos. Ian olha para
Dafne com gratidão e um pouco de surpresa.

IAN

Não precisava ter falado isso.

DAFNE

(sorrindo)
Precisava, sim. Às vezes a gente
só muda o mundo falando o óbvio.

Dafne segura firme as mãos de Ian e o abraça. Neles:

11. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.

Luciano e Mariano caminham pelo saguão do hospital com
semblantes fechados. Eles param diante do médico, que vem
andando na direção oposta.

LUCIANO

Bom dia, doutor. Alguma novidade sobre Lavínia?

MÉDICO

O quadro dela permanece estável, ainda sem evolução significativa. Ela deve acordar a qualquer momento.

MARIANO

Mas tá tudo bem com ela, né?

MÉDICO

Sim, tudo ótimo, mas o trauma foi extenso. Por enquanto, seguimos monitorando e cuidando para evitar complicações.

LUCIANO

Ela tá com alguém?

MÉDICO

Sim. Natália o nome, né? Não saiu de lá desde ontem à noite.

MARIANO

Essa menina não larga dela um segundo. Ela é uma santa.

MÉDICO

Qualquer mudança, eu aviso de imediato. Com licença.

O médico se afasta, deixando os dois homens em silêncio, absorvendo a notícia. Neles apreensivos:

12. INT. HOSPITAL. LEITO DE LAVÍNIA - DIA.

Natália está encolhida na cadeira de acompanhante ao lado da cama. Um casaco jogado sobre as pernas, os braços cruzados, a cabeça tombada pro lado. Ela dorme exausta, respiração leve.

O quarto todo está silencioso, invadido pela luz suave do sol da manhã que atravessa as persianas entreabertas. Uma pessoa cruza o ambiente, seguindo para outro leito.

Na cama, Lavínia mexe as pestanas, a claridade parece incomodar. De repente, seus olhos se abrem devagar, percorrendo todo o ambiente, confusos, até chegar em Natália ao seu lado.

Lavínia vira o rosto com dificuldade, tenta movimentar a boca e não consegue, apenas tremendo sutilmente os lábios. Um fiapo de voz chega a sair. Lavínia respira fundo e tenta novamente.

LAVÍNIA
(afônica)
Natália?...

Natália se mexe na cadeira, acordando suavemente. Abrindo os olhos, depara com Lavínia desperta diante de si.

NATÁLIA
Meu Deus do céu!
(ergue-se rápido)
Lavínia?! Você... você tá acordada?

LAVÍNIA
(tentando sorrir)
Tô... eu acho.

Em Natália surpresa:

ABERTURA

13. INT. HOSPITAL. LEITO DE LAVÍNIA - DIA.

Natália, emocionada, acaricia os cabelos de Lavínia, que está deitada serena sobre a maca.

LAVÍNIA
(tentando se mover)
Meu corpo todo... que dor é essa?

NATÁLIA

Você teve um acidente de carro.
Um bem feio. Machucou várias
partes do corpo, mas tá viva,
isso é o que importa agora.

LAVÍNIA

Cadê meu pai? Luciano, minha mãe?

NATÁLIA

Tá todo mundo cuidando de você.
Seu pai e Luciano estão aqui no
hospital, viu? Eles foram em casa
descansar, devem voltar logo.

LAVÍNIA

(fechando os olhos, sentindo dor)
Dói até pra respirar...

NATÁLIA

Vou chamar uma enfermeira pra ver
se podem aplicar algum
medicamento. Volto já.

Natália beija a testa de Lavínia com delicadeza e sai.
Lavínia volta a fechar os olhos. Nela tranquila:

14. INT. HOSPITAL. SAGUÃO DE ESPERA - DIA.

Luciano e Mariano estão sentados em bancos geminados,
tensos e silenciosos. Natália aparece pelo corredor com um
leve sorriso no rosto, ainda visivelmente emocionada.

NATÁLIA

Gente, ela acordou.

LUCIANO

(levanta-se de imediato)
O quê?! Lavínia?

NATÁLIA

(assentindo)
Tá grogue, bem fraca, com dor...
mas abriu os olhos, falou comigo.

MARIANO

(sorrindo, emocionado)

Graças a Deus... graças a Deus.
Obrigado por estar com ela, Nat.
De verdade.

NATÁLIA

Eu não ia sair do lado dela. Já
avisei às enfermeiras, elas estão
lá dentro reavaliando o estado
dela, checando os sinais, essas
coisas. Quando liberarem, vocês
podem ver.

MARIANO

Perfeito. Mas antes que liberem,
eu preciso resolver uma coisa.
Muito importante.

LUCIANO

Agora, pai?!

MARIANO

É rapidinho, confia. Se Lavínia
for liberada antes de eu voltar,
entra por mim e dá um beijo nela.

Mariano sai apressado, deixando Natália e Luciano se
entreolhando. Neles:

15. INT. UFPE. CAMPUS DE CIÊNCIAS. CANTINA - DIA.

Tainá está sentada à uma mesa mexendo um canudo em um copo
de suco, pensativa, com o olhar perdido. À sua volta, as
pessoas interagem, carregam bandejas com lanche, conversam
e sorriem. Tainá parece absorta, deslocada.

Willian surge carregando uma bandeja com dois salgados, põe
tudo sobre o tampo e puxa uma cadeira, se acomodando no
lado de Tainá.

WILLIAN

Saiu no jornal. Vão mesmo prender
o teu pai?

TAINÁ

Parece que vão mesmo.

(engole em seco)

Eu... eu ainda queria que não fosse verdade, sabe? Que tudo isso fosse um mal-entendido.

WILLIAN

Você fez o certo indo até a delegacia com a garota. Ela foi libertada.

TAINÁ

Denunciei meu próprio pai, Willian. O homem que dizia que me amava, que pregava sobre Deus e verdade... Eu me sinto traída. Como se tudo fosse mentira. Eu conhecia a sua hipocrisia, mas descobrir que ele abusava de uma menor de idade... perco o apetite só de lembrar.

WILLIAN

Você foi corajosa. Ele mentiu pra todo mundo, Tainá... não é sua culpa.

TAINÁ

Eu amava ele. Foi ele quem me ensinou a andar de bicicleta e me levou à praia pela primeira vez. Mesmo com tudo... eu ainda amo. E dói. Dói tanto.

WILLIAN

(envolvendo-a num abraço)

Eu sei, mas você não tá sozinha. Eu tô aqui. Vou estar sempre, tá?

TAINÁ

Promete?

Willian assente e beija seu rosto. Neles abraçados:

16. EXT. CASA DE BENÍCIO. FACHADA - DIA.

A viatura estaciona discretamente em frente à casa. Mariano desce do carro ao lado do delegado, ambos sérios. Mariano se aproxima da campainha e toca. O delegado ajeita a arma no coldre sob o paletó.

Instantes. Mariano toca de novo na campainha. Sarah aparece com um semblante carregado, sofrido, o rosto meio inchado de quem andou chorando.

SARAH

Mariano? Delegado?!

MARIANO

Cadê Benício? Tá em casa?

SARAH

Ele foi embora, fugiu.

DELEGADO

Como assim, fugiu?

SARAH

Arrumou uma mala, disse que não podia mais ficar, que estavam armando contra ele. Eu... eu não fui com ele. Não podia.

MARIANO

(impaciente)

Sabe pra onde ele foi?

SARAH

Não. Ele só disse que precisava sumir. Tava paranoico, desesperado.

MARIANO

Você sabe que ele cometeu crimes, não sabe? Além de ser crime o fato de ele ter inflamado os fiéis da igreja contra Lavínia e ter causado aquele acidente, Benício tá sendo investigado por abusar de uma menor de idade.

IMPACTO. Sarah recua, impactada. Leva uma mão ao peito, os olhos marejam. Ela tenta dizer algo, porém gagueja.

DELEGADO

A gente precisa entrar pra
procurar por pistas.

Ainda impactada, Sarah abre espaço. Mariano entra acompanhado pelo delegado. Em Sarah perplexa:

17. INT. CASA DE BENÍCIO. SALA/QUARTOS - DIA.

AGILIDADE. Mariano e o delegado entram com cautela, seguindo por um corredor e subindo escada acima. Sarah permanece parada na sala, tensa, ouvindo os passos.

DELEGADO

Melhor garantir que ele não
esteja escondido.

No primeiro andar, eles abrem portas com firmeza. O quarto do casal está bagunçado: a cama desfeita, o guarda-roupas escancarado, cabides vazios.

MARIANO

(observando o ambiente)
Fugiu com pressa.

DELEGADO

Mas levou o necessário. Não foi
impulso... foi fuga pensada.

No quarto de Tainá, Mariano e o delegado olham sob a cama e mexem nos armários. O delegado olha através da janela, em seguida sai apressado.

No andar térreo, Mariano e o delegado descem os degraus com pressa, passando por Sarah ainda estática encostada na soleira da sala de estar.

MARIANO

Se ele aparecer, nos avise.

Sarah apenas assente, visivelmente abalada. Mariano sai atrás do delegado. Em Sarah começando a chorar:

18. EXT. IGREJA EVANGÉLICA. FACHADA - DIA.

AGILIDADE. O templo de Benício, de fachada imponente e aparência moderna, está rodeado por viaturas. Figurantes observam de longe, confusos e cochichando entre si.

Dois policiais civis penduram uma faixa vermelha escrito INTERDITADO - INVESTIGAÇÃO EM CURSO, além de isolarem a entrada com fitas amarelas de investigação.

Enquanto isso, outros policiais saem com equipamentos de som e eletrônicos, além de outros itens da igreja. CLOSE em uma urna escrito DÍZIMO. Uma policial vai até o delegado.

POLICIAL

Recolhemos os livros-caixa,
discos rígidos e gravações das
câmeras. Tudo lacrado.

DELEGADO

Bom. Quero tudo analisado.

Mariano observa em silêncio, satisfeito, encostado numa viatura. Na placa com o nome da igreja sendo removida por um funcionário da prefeitura:

19. EXT. AVENIDA. CALÇADA - DIA.

Eva caminha a passos trôpegos por uma avenida movimentada, descalça, o cabelo desgrehado. Olhares curiosos e alarmados a seguem, mas ninguém interfere.

EVA

(fala sozinha, esbravejando)
Eu sei quem são vocês! Tão tudo
contra mim! Tudo cilada do
inimigo! Mas o sangue de Jesus
tem poder! Tem poder!

Eva atravessa a avenida olhar pros lados. Buzinas soam, veículos brecam bruscamente. Eva quase é atropelada por um mototáxi.

MOTOTAXISTA

(gritando)

Tá doida, mulher?!

EVA

(olhando para o céu)

É isso mesmo! Eu sou a doida de
Deus! Sou a espada do Senhor!

Eva continua andando, suada, o rosto vermelho, os olhos arregalados. Passa por uma praça, por camelôs, por um canal. O céu vai escurecendo.

20. EXT. IGREJA EVANGÉLICA. FACHADA - NOITE.

Chove forte. Eva caminha molhada, tremendo de frio. Água escorre pelo rosto, mas ela ri e dança brevemente no meio da rua.

EVA

(gritando, rindo)

A chuva do céu! É a bênção que
limpa o pecado! Isso, Senhor!
Lava, lava tudo!

Eva escorrega, cai de joelhos numa calçada. Chora por alguns segundos. Depois se levanta, determinada. Ergue o olhar e depara com a igreja diante de si. Eva sorri.

As faixas vermelhas de interdição ainda estão no portão. O local está às escuras, silencioso, deserto. Eva olha em volta, confusa.

EVA

Cadê as luzes? Cadê os irmãos?
Por que tá tudo escuro? O diabo
deve passado por aqui... fechado
a casa do Senhor! Mas eu reabro,
eu sou a bênção de Deus na Terra.

Eva empurra o portão devagar, que range. Entra pela lateral, as portas estão entreabertas. Nela entrando:

21. INT. HOSPITAL. LEITO DE LAVÍNIA - NOITE.

Lavínia está recostada no leito com curativos nos braços e o rosto levemente inchado. Duas enfermeiras trocam alguns curativos e verificam o soro e as máquinas ligadas a ela.

A televisão exibe imagens de Benício pregando em sua igreja. Em seguida, cenas do templo sendo interditado pela polícia e fotos desfocadas de uma adolescente borrada, protegendo sua identidade.

REPÓRTER

(V.O.)

[...] as denúncias contra o pastor Benício Duarte envolvem associação criminosa e assédio a uma menor de idade. A polícia investiga se outros menores sofreram abuso.

Lavínia arregala os olhos, incrédula. Na sua reação:

22. INT. FLAT. SALA - NOITE.

Sentado no sofá, Benício assiste à mesma reportagem. Na televisão, imagens do acidente de Lavínia aparecem.

REPÓRTER

(V.O.)

Benício também é acusado de inflamar fiéis da sua igreja contra Lavínia Feitosa, empresária do ramo da literatura. Segundo o delegado, Benício já é considerado foragido.

Benício desliga a TV com o controle remoto e o atira contra a tela, trincando uma parte com a pancada. Ele soca o ar.

BENÍCIO

Já era. Acabou pra mim aqui. Um bom jogador sabe a hora de tirar seu time de campo. Hora de sumir... e recomeçar do zero.

Benício caminha calmamente até o quarto. Instantes. Benício retorna carregando sua mala, segue até a porta e sai.

23. INT. RESTAURANTE. SALÃO DE MESAS - NOITE.

SONOPLASTIA AMBIENTE: Liniker - ME AJUDE A SALVAR OS DOMINGOS. A luz é baixa, o ambiente, sofisticado. O som de talheres ao fundo soa no fundo. Gael e Ruan jantam numa mesa de canto, mais afastada dos demais clientes.

GAEL

Desculpa ter adiado essa conversa do almoço pra cá, é que Lavínia acordou, Cauã e eu fomos correndo pra vê-la.

RUAN

Tudo bem, eu compreendo.
(gole na água)
Ainda me sinto estranho em lugar público. Depois daquele dia, no restaurante... quando o cara apontou a arma pra gente, eu só conseguia pensar que ia morrer sem nem ter dito tudo que eu queria.

GAEL

Eu também achei que a gente não sairia dali.

RUAN

Foi horrível. Mas também foi... revelador. Eu pensei em quem queria do meu lado. E era você. Percebi que ia amar ter sua companhia, te ter do meu lado... mesmo sabendo que você não nutre o mesmo.

GAEL

Foi depois daquela noite que eu percebi que... não consigo seguir com isso.

RUAN

Você se arrependeu?

GAEL

Nem um pouco... eu só percebi que ainda tô preso em algo não resolvido. Não seria justo seguir contigo carregando isso.

RUAN

É sobre Cauã?

GAEL

É. O que você sentiu naquele sequestro eu senti também. Na verdade, eu já tava caindo em mim antes dessa situação. Cauã é meu noivo, nós temos uma história, e eu valorizo demais essa história.

RUAN

Então eu fui só um consolo?

GAEL

Você foi muito importante pra mim, acredite, mas não posso fingir que tô inteiro pra você. Cê não merece alguém pela metade.

RUAN

(baixa os olhos)

Tudo bem. Eu meio que já previa isso acontecendo quando insisti em ficar com alguém comprometido. Você também foi importante pra mim, Gael, eu amei ter ficado contigo.

GAEL

Eu amei ter te conhecido, ter trocado experiências contigo. Peço mil desculpas por ter te colocado no olho do furacão. Agora que as ideias clarearam na minha cabeça eu entendo o quanto errei contigo.

RUAN

Tudo bem, eu entendo. Entendo que você esteve confuso, teve até aquele acidente semanas atrás na praia. Não se sinta mal por mim, não sou de guardar rancores. E mesmo se fosse, vamos ficar um tempo sem nos vermos.

GAEL

Um tempo?! Como assim?

RUAN

Recebi um convite pra cuidar de algumas exposições em São Paulo.

GAEL

Caramba, sério?! Parabéns! Você merece isso! Parabéns mesmo.

RUAN

Acho que preciso disso mais do que nunca. Respirar novos ares e me afastar um pouco de Recife.

(dá de ombros)

Do que ficou marcado aqui. O trauma do sequestro, esse fim...

GAEL

Eu entendo. Mas e o seu romance?

RUAN

O livro... vou adiar o lançamento. Não tô com cabeça pra isso agora. Preciso respirar um pouco, me reconectar com outras coisas. Quero voltar pra ele com a mente arejada, não sinto inspiração pra continuá-lo agora.

GAEL

Sei que vai voltar mais forte. E com um livro ainda melhor.

RUAN

Tomara mesmo...

Gael

Agora vamos comer logo antes que a comida esfrie e porque eu tô doido pra experimentar o petit gâteau daqui. A foto do cardápio é muito apetitosa.

Ruan solta ar pelas narinas, Gael sorri com ele. Nos dois trocando olhares amistosos: SONOPLASTIA OFF.

24. INT. CLÍNICA. CANTINA - NOITE.

Ian e Humberto tomam café em uma mesa no canto. Ambos olham para suas xícaras, evitando qualquer contato visual por alguns segundos.

Humberto

A médica disse que o quadro é grave, mas ela é forte, tua mãe sempre foi. Não vai se entregar.

Silêncio breve. Ian mexe a colher dentro da xícara.

Humberto

Seu olhar mudou quando ela começou a piorar. Parece que carrega um peso.

(olha direto para ele)

Aquela amiga... Dafne, né? Ela falou algo, naquela hora, que culpa nenhuma é sua. É isso que te assombra, é?

Ian

É parte disso.

Humberto

Então fala, Ian. Chega de rodeio.

Ian

Dafne me aconselhou a não fugir mais. E não quero mesmo. Pai...

(respira fundo)

Eu sou homossexual. Eu sou gay.

O silêncio agora é mais denso que antes. Humberto permanece imóvel. Sua expressão é dura, difícil de ler.

HUMBERTO

Desde quando tu sabe?

IAN

Desde sempre, eu acho. E eu não disse antes porque... achava que você não ia aceitar.

(olha firme)

Talvez eu ainda ache.

Humberto se afasta ligeiramente da mesa, como se o ar estivesse mais pesado. Passa a mão no rosto. Na sua expressão abstrata:

25. INT. CLÍNICA. QUARTO DE ELIS - NOITE.

A luz é baixa. Elis está desacordada, pálida, respirando por aparelhos. Duas enfermeiras realizam os procedimentos rotineiros. Uma checa os batimentos, a outra examina os sinais vitais no monitor ao lado do leito.

ENFERMEIRA 1

(olhando para o monitor)

Os batimentos estão caindo...

ENFERMEIRA 2

Ela está ficando cianótica. Chama o médico! Agora!

TENSÃO. De repente, o monitor cardíaco emite um som contínuo e agudo. A linha se achata.

ENFERMEIRA 1

Código azul! Parada cardiorrespiratória!

A enfermeira corre rumo ao corredor enquanto a segunda inicia uma massagem cardíaca.

ENFERMEIRA 2

Vamos, Elis, respira! Não faz isso com a gente...

CAM se afasta aos poucos, deixando o som do alarme cardíaco ecoar. No caos controlado:

26. INT. HOSPITAL. LEITO DE LAVÍNIA - NOITE.

Lavínia está recostada no travesseiro, ainda fraca. Luciano e Mariano estão ao lado da cama. Ela observa os dois.

LAVÍNIA

O que houve comigo?

LUCIANO

Você sofreu um acidente, Lavínia.
Um carro bateu no seu... foi
muito grave. Mas você tá viva, tá
aqui com a gente.

MARIANO

Fizeram uma cirurgia muito
delicada. Você teve muitas lesões
e fraturas, os médicos operaram
quase um milagre.

Lavínia fecha os olhos por um instante, como se buscasse na mente algum resquício da lembrança. Depois, os reabre com esforço.

LAVÍNIA

E o bebê?

Luciano e Mariano trocam um olhar tenso. Luciano abaixa a cabeça, engolindo seco. Mariano segura a mão de Lavínia com delicadeza.

LUCIANO

Lavínia, durante a cirurgia... os
médicos fizeram de tudo. Só que o
bebê... não resistiu.

Lavínia não reage, seus olhos permanecem fixos em um ponto no teto, sem piscar. Nenhuma lágrima. Nenhuma palavra. Nela totalmente inexpressiva:

27. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALÃO PRINCIPAL - NOITE.

A igreja está escura, apenas com uma fraca luz entrando por uma das janelas quebradas. O ambiente é escuro, silencioso, quase abandonado. O aviso de interdição da polícia continua colado na porta principal, embora rasgado.

Eva surge devagar com as roupas meio molhadas de chuva, os cabelos desgrenhados e descalça. Ela luta para acender as velas de um candelabro com um isqueiro falhando enquanto caminha pelo corredor murmurando orações desconexas.

EVA

(para si, em tom de transe)
Ele vai abrir a porta... eu ouvi,
o vento sussurrou. A passagem...
Deus vai abrir uma passagem pra
mim... eu creio.

Eva sobe no púlpito e põe o candelabro sobre a mesa, então segue para acender outras velas espalhadas pelo ambiente.

De repente, ela larga o isqueiro e começa a andar de um lado para o outro, vasculhando o chão, tateando as paredes como se buscasse uma entrada secreta.

EVA

Onde está a fenda? A escada de
luz? Cadê? Onde está, meu Deus?
Eles querem me impedir, mas eu
não vou sair! Aqui é o Teu trono!
Teu portal!

Em Eva andando de um lado para o outro, nervosa:

28. EXT. IGREJA EVANGÉLICA. FACHADA - NOITE.

TENSÃO. Benício, de casaco e boné, se aproxima da igreja carregando sua mala. Sem dificuldade, ele escala o muro pela lateral e entra na igreja por uma porta do lado, recuperando a mala jogada previamente.

29. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALÃO PRINCIPAL - NOITE.

SUSPENSE. Eva está ajoelhada, murmurando frases desconexas, os olhos fixos no altar como se esperasse algum tipo de manifestação divina.

Uma porta lateral se abre num estrondo. Benício entra, tira o casaco e o boné, largando sua mala no chão. Ele congela ao ver Eva ajoelhada diante do pequeno palco.

BENÍCIO

(rosnando)

Mas que porra é essa...

EVA

Pastor! Deus te mandou aqui! Você veio me levar!

BENÍCIO

(andando até ela)

O que você tá fazendo aqui, sua demente?

EVA

Eu vim pra subir! Deus vai abrir a passagem por esse chão! A cruz vai se abrir, eu sei! Ele falou comigo!

BENÍCIO

(gritando)

Cala essa boca, Eva! Essa igreja tá interditada! Isso aqui não é mais lugar de doente mental feito você!

EVA

(com uma calma inquietante)

Foi o Senhor quem me mandou.
Disse que minha fé é limpa.

Furioso, Benício acerta um forte tapa no rosto de Eva, que tomba para o lado. Ela permanece caída, choramingando, inerte. Benício desconta sua fúria chutando os móveis do templo.

BENÍCIO

(vociferando)

Tô sendo caçado feito um criminoso! Minha reputação foi destruída! E agora tenho que aturar você aqui com os teus devaneios? Vai se foder!

EVA

Você não tem mais o Espírito Santo...

BENÍCIO

(puxando Eva pelos cabelos)

Se você não sair daqui agora... eu juro que te mato. Eu não quero ouvir sua voz nunca mais, sua fanática insuportável.

EVA

Pode me matar se quiser. Eu já morri pro mundo.

Benício a solta com brutalidade, jogando de volta ao chão.

BENÍCIO

Desgraçada! Doente!

Benício sai, invadindo na sala de apoio chutando a porta. Em Eva chorando no chão:

30. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALA DE APOIO - NOITE.

Benício abre a porta de uma sala reservada. As paredes estão úmidas, com armários de madeira e um pequeno cofre embutido atrás de um quadro com uma pomba da paz.

Benício remove o quadro apressado, digita a senha no cofre com dedos trêmulos. A porta se abre. Ele retira maços de dinheiro, documentos e um celular descartável.

BENÍCIO

Ninguém vai me parar... ninguém.

Benício começa a colocar tudo dentro da sua mala. Nele:

31. INT. IGREJA EVANGÉLICA. SALÃO PRINCIPAL - NOITE.

Eva, com o rosto marcado do tapa, caminha até o altar, descalça, os olhos cheios de lágrimas e fervor. Com muita calma, pega um candelabro e encosta as velas nas cortinas da janela. O tecido começa a pegar fogo.

SUSPENSE. Eva atea fogo na toalha da mesa principal sobre o púlpito, depois passa a incendiar os bancos de madeira do público. Eva gargalha, carrega um olhar vitorioso, ao mesmo tempo delirante.

EVA

(transtornada)

Queime, Senhor. Queime esse templo falso. Queime o pecado, queime o engano, queime a mentira. Purifica.

Eva sobe de volta ao púlpito e abre um armário pendurado numa parede. Ali há materiais de limpeza, inclusive algumas garrafas de álcool.

Eva pega uma, sorri, abre e começa a espalhar sobre o piso. Ela parece tensa por um instante, olhando tudo com atenção.

Eva desce do palco e atira o álcool sobre o chão até esvaziar todo o conteúdo da garrafa. Ela ostenta um largo sorriso de insanidade. Por um instante, ela chega a rir.

EVA

Aleluia! O fogo do céu! A glória desce! Ele veio! Ele veio!

Os vitrais refletem a luz cálida em sua pele suada e fervorosa. Nos olhos de Eva brilhando diante do fogo:

A IMAGEM DE EVA CONGELA DEVAGAR E ADQUIRE RACHADURAS
COMO UM PEDAÇO DE VIDRO TRINCADO.

FIM DO CAPÍTULO